

EMPREENDEDORISMO E LINGUAGEM: DESENVOLVENDO COMPETÊNCIAS

ILKA MARIA DE OLIVEIRA SANTI

Professora das FATECs Sebrae e Itaquera, em São Paulo. Formada em Letras, especialista em língua inglesa pela UFMG, mestre em Letras pela UNICAMP, tradutora profissional desde 1996.

FATEC Sebrae – Faculdade de Tecnologia Sebrae - CEETEPS – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – São Paulo, Brasil.

Revista FATEC Sebrae em debate
gestão, tecnologias e negócios

Editor Geral
Prof. Dr. Mário Pereira Roque Filho

Organização e Gestão
Prof. Ms. Clayton Pedro Capellari

Correspondência
Alameda Nothmann, nº 598 Campos Eliseos,
CEP 01216-000 São Paulo – SP, Brasil.
+55 (11) 3331.1199 ramal: 218
E-mail: f.sebrae.dir@centropaulasouza.sp.gov.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é propor uma reflexão sobre a importância das disciplinas de linguagem no currículo dos cursos de tecnólogos, as quais podem atuar como elementos desafiadores para o desenvolvimento de competências-chave para o comportamento assertivo e o sucesso posterior em iniciativas empreendedoras. Com base em conceitos como o de competência de Perrenoud, de discurso de Pechêux/Orlandi e de formulações sobre educação de Paulo Freire, a discussão se centra no fato de como o desafio do aprendizado dessas disciplinas pode por si só motivar as habilidades necessárias para o bom futuro do profissional. Quanto mais se avança na carreira, mais se depende da linguagem para a legitimação de comportamentos e ações e mais de necessitará de posturas éticas e bem informadas, tudo isso devidamente treinado pelas disciplinas que parecem um pouco distantes do *core business* em cursos de tecnologia. Dominá-las mais do que abre portas: é talvez o caminho natural para o sucesso dos gestores da área técnica.

Palavras-chave: Competências; Linguagem; Carreira.

ABSTRACT

The aim of this work is the reflection about the importance of language disciplines in the syllabus of technical college courses, which can be challenging elements for the development of key competences for the assertive behavior and the upcoming success in entrepreneurial initiatives. Based in concepts such as competence by Perrenoud, discourse by Pechêux/Orlandi and Paulo Freire's ideas on education, this discussion focuses on how the challenge of learning these disciplines can itself motivate the necessary abilities for the successful future of these professionals. The more the professional goes ahead in his/her career, the more he/she will depend on language skills as well as on ethical and well-informed ideas. This must be dully trained by those disciplines which apparently seem to be a bit far from the core business in the technology courses. Mastering them makes more than opening doors: it is perhaps the natural way to success for technical managers.

Keywords: Competences, Language; Career.

INTRODUÇÃO

Muito se tem evoluído no sentido de fomentar o empreendedorismo na escola. Hoje, há o empreendedorismo propagando-se como disciplina em diversas áreas ou surgindo pelos chamados "desafios", que treinam na prática aquele potencial líder de uma *startup*. Estudos, entidades e projetos (AMORIM, 2014) citam o empreendedorismo não só como uma porta de acesso a um universo longe do desemprego - novos negócios podem surgir quando a vaga à altura das expectativas não veio - mas também como a porta vizinha da competitividade empresarial. No entanto, é prudente investigar as competências necessárias para o desenvolvimento e o sucesso nesse novo mundo, que exige mais autonomia, iniciativa, criatividade no trato com as diversas intempéries econômicas, enfim, mais "jogo de cintura" para lidar com um sem número de variáveis, que vão desde políticas econômicas e tributárias (e seus impactos) até mudanças sutis nas demandas de mercado.

O objetivo deste trabalho é propor uma breve reflexão sobre como as disciplinas de linguagem podem ser interpretadas e como podem contribuir para o desenvolvimento do potencial empreendedor nos sujeitos. Sua importância será ressaltada à luz do conceito de competências de Perrenoud (1999), com base em alguns conceitos da Análise do Discurso e com breves incursões sobre a herança de Paulo Freire.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Que competências se exige de um profissional que queira se destacar em lideranças de negócios e empresas de modo geral? A competência, aqui entendida de acordo com as reflexões de Perrenoud e Machado (2002), define-se basicamente como a mobilização de conhecimentos com vistas a uma ação eficaz perante um problema. Engloba conhecimento, mas não só isso, engloba acima de tudo o desenvolvimento de atitudes eficazes, pressupõe o uso de conhecimentos sólidos de forma tática, orquestrada, transversal e, sobretudo, criativa.

É sabido que tem mudado bastante a forma de ensinar e também a de aprender, resultado da revolução nas comunicações e na onipresença das TICs. Hoje o objeto de estudo e a demanda de certas habilidades podem nos apontar para conhecimentos de

outra natureza a serem desenvolvidos (ou "acordados") nos alunos. O uso intenso de tecnologia talvez nos leve paradoxalmente à demanda do desenvolvimento junto aos alunos de habilidades menos técnicas ou de natureza menos notadamente informativa do que se supõe. Algo talvez mais humano e complexamente mais simples, que "releia" as formas de se lidar com as pessoas com as todas mediações tecnológicas que temos ao nosso dispor, sem deixar que somente elas assumam nossa *persona*. Estou falando de algo que antes se denominava "jeito", "trato", "saber conversar", "saber convencer" ou algo que o valha. E sobre isso, Perrenoud (1999) exemplifica e prepara a nossa reflexão:

Sabe-se, atualmente, que engenheiros, médicos, administradores e pesquisadores utilizam muitos outros conhecimentos alheios às suas respectivas disciplinas. Em certas funções, a disciplina de base conta menos do que a capacidade reflexiva e a faculdade de aprender.

Como docente de disciplinas da área de linguagem nesses últimos anos, arrisco-me a trazer algumas reflexões do que vejo no futuro para os egressos de cursos superiores nas áreas de gestão e tecnologia. É importante refletir sobre o que a sociedade deseja de nossos alunos e o que podemos oferecer dentro de nossas próprias atribuições docentes para atender a esse fim. Paradoxalmente, em um tempo em que a procura e a instrução formal na área de letras e licenciaturas declina visivelmente, nunca se viu em tão alto grau a necessidade da atuação firme desses docentes junto à formação de outros profissionais. O desenvolvimento de competências de linguagem virou a bola da vez em um mundo em que a informação é dada de graça em qualquer suporte. A informação está disponível, mas é preciso saber como lidar com ela, como selecioná-la e interpretá-la criticamente.

CONHECIMENTO É IMPORTANTE, MAS NECESSITA DE SUPORTE

São importantes, sim, os conhecimentos específicos das áreas de atuação. Não há dúvida em relação a isso. Um profissional de gestão de negócios deve ser capacitado, treinado - e ainda mais treinado - para lidar com pessoas sob sua administração e os conflitos que impactam o andamento dos negócios (disciplina Gestão de Pessoas), deve estar totalmente preparado para buscar e "cavar" recursos

para o andamento de projetos (disciplinas de Contabilidade, Prospecção de Negócios), deve estar preparado para cuidar e sanear as contas da empresa (disciplinas de Economia, Gestão de Recursos, Cálculo, etc.). O que não se deve perder de vista é a particularidade de consubstanciar todas essas atuações técnicas e de gestão em um discurso claro, coerente, articulado e convincente, que faça o profissional mostrar a que veio.

O mesmo se pode dizer de tecnólogos de outras áreas ligadas às ciências "duras", derivadas das engenharias, como os Tecnólogos em Mecânica. Muitos, ainda no início do curso superior, sonham com a especialização técnica, em áreas ainda mais específicas, flertam com certificações de entidades internacionais, tendo por base que esse conhecimento é que os irá alavancar para posições mais altas na vida profissional. Novamente: não há dúvida de que *uma* das portas de entrada para grandes e bem-sucedidas empresas ou para o empreendedorismo em novos negócios é esta: um conhecimento técnico de excelência. Mas nada disso sobreviverá se as competências sociais e comunicativas - habilidade de lidar com pessoas, falar e escrever bem, dominar um outro idioma, fazer-se entender e acolher o ponto de vista do outro de forma crítica e competente - não forem desenvolvidas e exercitadas à exaustão. Entender e expressar-se em um discurso próprio, legitimado pelas ações, a postura e a prática, são fundamentais para o bom futuro desse profissional. Aqui entram a formação ética e em linguagens.

A linguagem, ou as linguagens em suas diversas formas, por sua vez, são instrumentos de troca e de legitimação simbólica, locais privilegiados onde os sujeitos se afirmam ou deixam de se afirmar, construindo ou desconstruindo imagens que afetarão a si mesmos e a seus contextos sociais. Daí advém sua importância.

Antes de prosseguir, vale nesse momento uma breve fundamentação do que se pode entender como "discurso". Não se trata de uma noção episódica baseada apenas no sentido mais comum dessa palavra, quase sempre confundida com palanques, formulações por vezes vazias ou de parlatório. Não circunscrito ao campo da Linguística, mas gestado de forma interdisciplinar, o discurso pode ser definido pela Análise do Discurso, área de estudos cujas raízes podem remontar a séculos, mas cujo desenvolvimento veio se dando desde os anos sessenta com as ideias de Pêcheux e seu desenvolvimento no Brasil por Orlandi (1988). A palavra e seus conjuntos são tidos como portadores de pesos, sentidos e ações sociais, construídos em contextos muito maiores do que sua dimensão perceptível, tendo, por fim efeitos muito além de seu

próprio sentido básico. Isso quer dizer que as palavras, os textos, sejam eles orais ou escritos, carregam o peso das condições de sua formulação, de seu emissor e do contexto maior (muito maior) a que deveram seu nascimento.

O discurso é, por fim, a expressão por meio da qual a prática se efetivará. É por esses e outros motivos que, com o tempo, pode-se ver nos egressos e vejo entre meus próprios colegas, um encaminhamento diferente em suas carreiras no sentido do desenvolvimento de competências outras que não as técnicas ou de formação básica, ou a busca por esses mesmos sujeitos por cursos e treinamentos que os habilitem a lidar com aquilo que parece inefável em sua formação: as habilidades sociais e comunicativas, quase sempre consubstanciadas em disciplinas vistas como "pouco técnicas" ou fora do "core business" pelos alunos, tais como Comunicação, Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Noções de Direito e Administração.

Tais disciplinas existem no projeto pedagógico de muitos cursos e seguramente não se prestam apenas a fechar as lacunas de uma formação deficiente em outras fases da escolarização: elas devem ser um treino para o desenvolvimento do espírito crítico, do bem expressar-se, do saber colocar-se (Comunicação), do lidar com o novo e adaptar-se a ele (Línguas Estrangeiras), do entender e defender os limites do individual e do coletivo (Direito). Saindo do escopo "oficial" previsto na ementa, elas ainda são um desafio em meio à aridez técnica, elas paradoxalmente quebram e fazem as amarras ao proporem uma reflexão e uma prática que reformatam e constantemente reajustam o sujeito às relações humanas do dia a dia.

O CASO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA: O INGLÊS

No caso específico da Língua Inglesa, é possível vê-la mais do que como um instrumento para a globalização dos mercados, o que por si só já seria o bastante para o empreendedorismo e o surgimento de novos negócios e oportunidades. O ensino e o aprendizado de línguas modernas no ensino superior são mais um desafio aos futuros profissionais, alguns que até então não tinham tomado uma posição a respeito ou mesmo nunca tinham tido uma oportunidade firme para o estudo sistemático de um idioma além do materno, por qualquer motivo que seja. Implica um desafio, pois:

Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria. (FREIRE,

Pode-se ainda recorrer aos conceitos linguísticos e sociais para formular-se o tamanho do desafio enfrentado pelo aluno. Oliveira (2007) é ilustrativo quando diz a respeito do aprendizado de língua estrangeira por adultos:

Os adultos, com seus anos de experiência de vida, estão recheados de teorias pessoais, termo utilizado por Pessoa e Sebba (2006) ao se referir a crenças, bem como a afetividades. Eles tomam determinadas atitudes baseados naquilo que pensam ser o correto. Dessa forma, eles vêm para as aulas com uma bagagem no que se refere às concepções sobre o que seja aprender uma LE. Negativa ou positiva, essas convicções alteram o processo de dimensão de aprender o idioma.

É sabido que alguns autores consideram que há períodos mais sensíveis para o aprendizado eficaz de línguas não nativas, como a puberdade. Com base nisso, vemos que aprender e dominar uma língua estrangeira em um período posterior a este traz uma carga maior a ser digerida pelo sujeito, pois ao mesmo tempo em que a motivação para o aprendizado tem uma influência pessoal e consciente, o que ajuda muito o processo; a experiência pessoal nem sempre pesa positivamente para a aquisição da nova linguagem, pois carrega consigo traumas, cobranças e inibições de tentativas anteriores de aprendizagem, que o sujeito terá de resolver. Além disso, fatores outros, como ansiedade, autoestima e crenças pessoais dos adultos aprendizes, contribuem para impulsionar ou atrasar bastante o desenvolvimento do processo (PIZZOLATO, 2007).

Metodologias diversas de abordagem do ensino de idiomas têm sido estudadas e colocadas em prática ao longo da história para darem conta do processo de aprendizagem de idiomas (SANT'ANNA, SPAZIANI, GÓES, 2014). No momento, as de natureza mais notadamente comunicacional têm se desenvolvido e podem ser adaptadas aos que aprendem em um período mais tardio ou "fora do padrão".

Mas, fica a pergunta: dentre os diversos desafios a serem enfrentados pelos estudantes de curso superior, quer dizer que este é mais um? Em certo sentido, sim,

mas é bom ver como isso se dá. É bem provável que a história tenha um final mais feliz do que se anuncia. E uma importância muito mais pronunciada do que se supõe.

DESAFIOS DO APRENDER

Aprender uma língua estrangeira é sobretudo *aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a conviver e aprender a fazer*, importantes marcos definidos para a educação do Relatório para a UNESCO elaborado pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (DELORS, 2001).

Aprender a ser implica tomar consciência e experimentar na prática que existem outros povos com outros falares e estilos de vida. É ver a si mesmo como povo representante de uma cultura, muitas vezes muito bem acolhida e admirada pelos *foreigners* e pouco valorizada internamente.

Esse aprendizado implica ver como alguns povos de autoestima mais elevada, por um sem número de razões históricas e sociais (que não nos cabe discutir aqui), tratam seus bens culturais mais simples - como um prato típico, uma torta conhecida ou feita apenas em uma região - como um tesouro cultural sem precedentes. Trata-se de uma forma de afirmar-se, ver-se ou expressar-se por meio de elementos culturais tidos como representativos do "povo socialmente organizado", algo que antigamente se tinha de decorar como definição de nação. Que possamos perdoar a metonímia, a parte pelo todo, em um exemplo como este. Mas quem ousa dizer que o chá britânico é apenas um detalhe em termos de identificação de seu povo? E os "scones", bolinhos ingleses saboreados pela rainha da Inglaterra em seu chá das cinco? E o tradicional "fish and chips", a comida de sustância do operariado inglês que se tornou o carro-chefe da culinária representativa do país? E o *Apfelstrudel* da Alemanha? E os pasteis de Belém, de Portugal? E por fim, o nosso virado à paulista?

Devemos reconhecer que o aprender a ser é para os estudantes ocidentais de língua inglesa um desafio infinitamente menor do que o é para um coreano ou chinês de nascimento. Esses sujeitos enfrentam o desafio maior de aprender à distância como ser ocidental antes mesmo de tentar balbuciar a língua, juntamente com um novo alfabeto e palavras que aparecem sem nenhum parentesco, golpeando toda e qualquer tentativa de identificação via cognatos. E nas sessões de duas vezes por semana, ensaia-se o ser um pouco o outro (o ocidental) para entender sua realidade e, por fim, falar sua língua. Por exemplo, para um coreano, um japonês ou um árabe, muito da

aprendizagem se expande para o aprendizado de ações prosaicas do dia a dia, como que não usar na hora de cumprimentar ou na hora de comer, que cores de roupas são bem-vindas na hora de fechar negócios, como trocar cartões, como tratar idosos, dentre outros, para evitar o infringir de regras culturais tácitas, que causariam algum estranhamento ou talvez um grande mal-estar.

No nosso caso, entramos com uma vantagem competitiva: iniciamos mais rápido no que é o mais especificamente linguístico, embora a conexão cultural complexa esteja ali subjacente. De qualquer forma, aprender uma língua estrangeira é aceitar o desafio de por alguns minutos por semana sair de si mesmo estando ali. Muitas vezes o conflito dos aprendizes, sejam eles alunos adultos, crianças ou professores em formação, é o sentimento de mutilação da própria personalidade, por não poderem expressar-se ainda na forma como desejam ou estão acostumados, porque, segundo eles, "as palavras não vêm". É legítimo esse sentimento de conviver com aquilo que entendemos como "outro", afinal, lidamos com identidade cultural e precisamos acalmar essa ansiedade, entendendo o processo: Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu. (FREIRE, 1998)

A língua materna é a expressão do próprio jeito de ser, de fazer e de conhecer o mundo, bem como de todas as estratégias de como levar isso a cabo. Restringir seu uso pode golpear o sujeito. É preciso cuidado na inserção da língua estrangeira e na sua relação com a língua materna. É mais confortável controlar a "fala a mais" do destravar a "fala a menos". Afinal, quem aprende precisa soltar as amarras enquanto aprende, caso contrário, qualquer abordagem pode cair por terra: o sujeito trava, defendendo-se do que ele não conhece. E internamente ele se pergunta: "Como vou abandonar o que tenho, assimilando o que não conheço de todo?" E sem responder, pensamos nós, professores: "E ele está errado?" Esse diálogo surdo já passou pelo pensamento de qualquer professor de língua estrangeira.

O lidar com o conhecimento novo exige uma postura da qual tínhamos nos esquecido desde o tempo da alfabetização, que nos exigiu uma superação de fronteiras, desde as da casa até a escola, da família para a sociedade e, por fim, da linguagem oral para sua convenção escrita, bem como das diversas estratégias para se efetivar esse conhecimento. Por mais que sejam modernas e diversificadas as formas de se abordar determinados conteúdos, existem alguns que continuam a ter de ser

lembrados de forma automática, como letras, números, estações do ano, sequências, etc. Existe ainda a nossa inteligência que pode ser ativada por meio de músicas, gestos, simulações, versos e muitas outras formas utilizadas com crianças, mas que não deixam de surtir efeitos também na memória de aprendizes adultos. Esse aprender a conhecer é de alguma forma retomado quando nos propomos a "aprender a falar diferente". É preciso coragem e bom humor para enfrentá-lo, é preciso perder a inibição para assumi-lo.

Em se tratando da língua inglesa, Sant'anna, Spaziani e Góis (2014) atentam para o fato de que a Abordagem Comunicativa pode contribuir massivamente com o ensino baseado na práxis, um verdadeiro "aprender a fazer", por meio de materiais autênticos, simulações bem próximas ao real, interações centradas em finalidades, bem como o insubstituível aprendizado colaborativo em sala de aula, no qual os erros de um são oportunidades para o aprendizado de todos e no qual a negociação de significados se baseie em trocas significativas, em um ambiente acolhedor e produtivo. Um exemplo disso é uma tarefa como a simulação de clientes em um restaurante cujo cardápio esteja verdadeiramente em inglês (material autêntico, não muito difícil de se encontrar em inúmeros sites Internet afora), com pratos com nomes-fantasia e cujos ingredientes não se conhece na totalidade. Esse momento é a hora da verdade: pode ser que estejamos longe de ter todo aquele vocabulário, de entender plenamente o que quer dizer "Bubble and squeak", mas ainda assim é preciso comer.

Uma das frases mais emblemáticas e simples saídas da boca de Rubem Alves é a de que o desejo acorda o pensamento, quando descreve sua vontade de menino de comer as tenras pitangas vermelhas do vizinho. Em resumo: para chegar ao meu objeto de desejo, luto com meus mil diabinhos internos até achar o caminho melhor (ALVES, 2002). Muitas serão as estratégias que deverão ser colocadas em ação para lidar com aquilo que talvez nunca seja 100% conhecido, mas que nem por isso precisa ser desagradável ou desconfortável. Ao professor cabe mostrar que nesta estrada, independentemente da rota escolhida, muitas fantasias pessoais e interesses - e também alguns fantasmas - serão acolhidos e/ou frustrados, e que é preciso aprender a conviver com isso. Mostrar ainda que o fruto mais gostoso e mais cobiçado pode ser a deliciosa recompensa para os que persistirem. O melhor de tudo, no entanto, é saber que "a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca" (FREIRE, 1996).

CONCLUSÕES: APRENDER E EMPREENDER

E como tudo isso entra em contato direto com o empreendedorismo?

Embora os alunos de cursos de tecnologia sonhem, preparem-se e articulem-se para mais bagagens técnicas, cada vez mais enraizadas em sua área de formação, não é bem nesta porta que irão bater quando a carreira começar a engatilhar. Para muitas empresas, a parte técnica pode e deve ser desenvolvida, aprimorada e até mesmo re-formada (perdoem-me a audácia) internamente, por meio de abordagens personalizadas de produtos, ferramentas de uso interno e exclusivo nas empresas (como as linguagens de programação personalizadas), bem como treinamentos sob medida para funcionários que consigam extrair proficientemente noções por meio de exposições e workshops, seja em português, seja em inglês. Passa pelo crivo quem for capaz de leitura e assimilação crítica de conhecimentos novos e de sua aclimação criativa ao ambiente pretendido. Quem entender e acomodar os conhecimentos novos de forma crítica, ganha.

Portanto, é preciso aprender a ser por meio da expressão da linguagem, por meio de seu domínio proficiente: treinando-se, praticando-se e recebendo-se os desafios dessas disciplinas que nos parecem tão simples, perante outras mais rigidamente da área de formação básica dos cursos. Empreender exige uma postura de autoconfiança que se manifesta, formula ou mesmo se perpetua *na língua*, seja ela a portuguesa ou a inglesa, seja ela gestual ou verbal, sejam todas elas juntas.

As habilidades e competências que podem ser desenvolvidas pela própria *experiência* de aprendizado nas disciplinas de linguagem são dinâmicas e exigem um treino constante. Não estanques, as línguas crescem organicamente, renovam-se, ampliam-se. A língua inglesa, assim como todas as demais, veste-se e traveste-se com termos diariamente por meio de seus falantes comuns e, nas áreas técnicas, caminha tão rápido que a tradução mal consegue acompanhar seus passos.

O que inicia como disciplina de apoio vira um teste para o posicionamento pessoal, para o enfrentamento de limitações surgidas sabe-se lá de onde, para a mudança de mentalidade e da postura que se almeja ter para estar pronto para a *startup*, para o produto novo, para a inovação que se deseja implantar, para a mudança que precisa de adesão, enfim, para tudo que necessitar de uma boa conversa para fazer acontecer. Esse desenvolvimento de competências sociais e comunicativas, proporcionado pela reflexão via linguagem, acaba por fim ampliando seu papel, sendo

o que com certeza abrirá as portas para que os conhecimentos técnicos possam passar *em seguida*.

O estudo sistemático, em cursos bem-intencionados e desafiadores, como os de comunicação e língua inglesa, muito pode ensinar aos alunos que sairão com seus produtos e serviços batendo às portas de empresas mundo afora. É preciso dominar a linguagem ou, antes, ajudar a construir o discurso convincente dos empreendedores de amanhã. Já dizia nosso mestre de importância internacional a respeito da palavra e da capacidade de mobilizá-la pelo progresso e o bem comum:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. (...) Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (FREIRE, 1994).

E para completar:

Pensar o amanhã é assim fazer profecia, mas o profeta não é um velho de barbas longas e brancas, de olhos abertos e vivos, de cajado na mão, pouco preocupado com suas vestes, discursando palavras alucinadas. Pelo contrário, o profeta é o que, fundado no que vive, no que vê, no que escuta, no que percebe, no que entende, a raiz do exercício de sua curiosidade epistemológica, atento aos sinais que procura compreender, apoiado na leitura do mundo e das palavras, antigas e novas, à base de quanto e de como se expõe, tornando-se assim cada vez mais uma presença no mundo à altura de seu tempo, fala, quase adivinhando, na verdade, intuindo, do que pode ocorrer nesta ou naquela dimensão da experiência histórico-social. (FREIRE, 2000)

Parece que muito antes do empreendedorismo como disciplina universitária, alguém muito importante já tinha tocado nessa questão.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Cenas da vida**. Campinas-SP: Ed. Papyrus, 2002.

AMORIM, M. O papel do empreendedorismo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 set. 2014.

Disponível em:

<http://oglobo.globo.com/economia/emprego/o-papel-do-empreendedorismo-13844056>.

Acesso em 29 set. 2014.

DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. 6. ed. Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013. Acesso em: 16 out. 2014.

FREIRE, P. Denúncia, anúncio, profecia, utopia e senho. In: **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MACHADO, N. J. Sobre a ideia de competência. In: PERRENOUD, P. *et al.* **As competências para ensinar no século XXI - formação de professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, H. F. Percepções de adultos sobre aprender língua inglesa. Revista Poiesis Pedagógica. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. Disponível em: www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/download/10843/7202. Acesso em 29 set. 2014.

ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. São Paulo: Ed. UNICAMP /Cortez, 1988.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIZZOLATO, C. A sala de aula de língua estrangeira com adultos da terceira idade. Apud: ROCHA, C. H. e BASSO, A. E. (orgs.). **Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores**. São Carlos-SP: Claraluz, 2007.

SANT'ANNA, M. R.; SPAZIANI, L.; GÓES, M. C. **As principais metodologias de ensino de língua inglesa no Brasil**. São Paulo: Paco Editorial, 2014.